

O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM NO PERÍODO PRÉ-OPERACIONAL DE ACORDO COM A TEORIA DE JEAN PIAGET

Patrícia Martins Ribeiro Oliveira

Resumo: este artigo relata a teoria piagetiana, focalizando o período pré-operacional, onde se concretiza o desenvolvimento da linguagem e suas características.

Palavras-chave: Teoria Piagetiana. Período Pré-Operatório. Linguagem.

Abstract: this article is related to the piagetarian theory, focusing on the operational era, where is embased the development of the language and its characteristics.

Key-words: Piagetarian theory. Pre-operational era. Language.

INTRODUÇÃO

Piaget nasceu em 1896, em Neuchâtel, na Suíça. Doutorou-se em malacologia em 1918. Esse seu grande interesse em biologia, influenciou seu pensamento. Fez muitas leituras durante a adolescência sobre filosofia e psicologia. Passou a interessar-se por psicologia e principalmente epistemologia¹, a partir das leituras da evolução criativa de Henri Bergson. Segundo Piaget, a abordagem do desenvolvimento é o principal ponto para o estudo do conhecimento.

No século XIX, Jean Piaget observou durante alguns anos o desenvolvimento de seus três filhos: Jacqueline, Lucienne e Laurent. Estas observações trouxeram ao mundo grandes transformações para a psicologia e a educação, pois, até então a criança era considerada um ser vegetativo que somente necessitava de cuidados primordiais. Seus estudos caracterizavam em quatro períodos: período sensório-motor (0-2 anos); pré-operacional (2-7 anos); operações concretas (7-12 anos) e operações formais (12 anos em diante). Este artigo tem como base a teoria piagetiana, mais precisamente o período pré-operacional caracterizado entre 2-7 anos, neste período, a formação de classes operatórias não é concluída, pois, a acomodação se separa da assimilação, assim a criança cria pré-conceitos, séries intuitivas, contagem automática e outros tipos de construções mentais prevalecendo o pensamento egocêntrico, o jogo simbólico. A linguagem que a criança constrói do real com o lúdico e, as noções de classe, conservação e série são fatores que abordaremos neste artigo e caracterizam o período pré-operacional.

“Desenvolvimento é processo através do qual o indivíduo constrói ativamente nas relações que estabelece com o ambiente físico e social, suas características”. (DAVIS; OLIVEIRA, 1994, p. 19); o homem ao contrário dos outros animais, não possui características biológicas herdadas. Essas características são formadas ao longo da interação do indivíduo com o mundo. Em seu trabalho, Jean Piaget focaliza o desenvolvimento intelectual.

Pulaski, em 1986 relata o quanto o conhecimento epistemológico é algo que desafia filósofos de todas as épocas históricas. Tanto que os antigos gregos e Descartes, que

¹ Estudo do conhecimento ou de como chegamos a conhecer e, daí que conhecemos.

acreditavam que a mente do bebê era uma “tábula rasa”. Jean Piaget nunca acreditou em nenhuma dessas hipóteses. Para ele, o indivíduo constrói o conhecimento na interação com o ambiente em que vive. Piaget realizou várias pesquisas com crianças, chegando até mesmo a observar, com a ajuda de sua esposa, o desenvolvimento da inteligência de seus filhos: Jacqueline, Lucienne e Laurent. A partir dessas observações, escreveu livros sobre a primeira infância e a época que a criança aprende a caminhar.

Obs. 4 –L. emite espontaneamente o som rrrá a partir de 0; 1(21), mas não reage tão logo eu o reproduzo. Ao 0; 1(24), pelo contrário, quando faço aa, de um modo prolongado, ela emite duas vezes um som análogo, se bem que estivesse calada há mais de um quarto de hora.

Ao 0; 1(25), olha para mim quando faço à, aaa, aaa rra etc. Observo alguns movimentos de sua boca, não de sucção mas de vocalização. Consegue emitir uma ou duas vezes sons bastante vagos, sem imitação propriamente dita mas com contágio vocal evidente.

Ao 0; 1(26), quando faço rrrá, ela responde com uma espécie de rr rolados: oito provas positivas contra três negativas. J. nada diz durante os intervalos. – A mesma observação no dia seguinte, aos 0; 2(2) etc.

Aos 0; 3(24), ela emite aaa e, vagamente, arrr, nas mesmas circunstâncias, isto é, quando existe uma imitação mútua.

Nada de novo até por volta de 0; 5. (PIAGET, 1964, p.24).

Piaget descreveu aqui, a observação que fez de sua filha Lucienne nos primeiros meses de vida, mostrando assim que em cada estágio, o indivíduo tende a se comportar de uma maneira. Dessa forma, seu trabalho tem grande importância para a educação, pois, é preciso conhecer o educando, para saber o que e como transmitir a ele.

No período sensório-motor, o recém-nascido tem como comportamento reflexos inacabados (sugar, agarrar). Ele começa a definir limites para seu corpo através de descobertas accidentais. Procura alcançar objetos, desde que possa vê-los, mas o que está fora de seu campo de visão está fora de sua mente. Com um ano a criança já experimenta um tateamento orientado, pode utilizar bastões, correntes para alcançar o objeto desejado. Reconhece fotos de pessoas conhecidas. Com 1 ano e 6 meses, a criança consegue deduzir, os deslocamentos de um objeto escondido. Sabe que este existe, mesmo não o vendo. Começa a usar símbolos na linguagem e nas brincadeiras de faz-de-conta. Recorda de acontecimentos passados e os imita posteriormente. A partir daí, a criança já entra no período pré-operacional.

O período que se estende do nascimento à aquisição da linguagem é marcado por um extraordinário desenvolvimento da mente. Sua importância é algumas vezes subestimada por não ser acompanhada de palavras que permita acompanhar, passo a passo, o progresso da inteligência e das emoções como acontece depois. No entanto, o desenvolvimento mental que ocorre nesse período determina o curso inteiro da evolução psicológica... No início deste desenvolvimento, o bebê incorpora tudo a si próprio – ou, em termos mais precisos, a seu próprio corpo – enquanto que no final do período, isto é, quando a linguagem e o pensamento despontam, ele está para todos os propósitos práticos, mas um elemento ou entidade entre outros, em um universo que ele próprio constrói, e o qual futuramente ele irá experimentar como externo a ele. (PIAGET, 1967 apud WADSWORTH, 1971, p. 40).

Não vamos entrar agora em detalhes sobre o período pré-operacional, já que iremos abordá-lo detalhadamente depois. Dos 7 aos 12 anos, a criança entra para o período das operações concretas. Nele, a criança pensa de forma lógica sobre as coisas que experimentou. Atinge o conceito de conservação, classe e série. É capaz de raciocinar retrospectiva e prospectivamente no tempo (reversibilidade). É um período de

transição entre o pré-operacional e o pensamento formal. A criança dessa fase não é egocêntrica como a pré-operacional. Ela assume o ponto de vista dos outros e sua linguagem tem função social. No período das operações formais, a criança é capaz de raciocinar logicamente sobre propriedades abstratas que não experimentou diretamente. Este é o último e o mais elevado período do desenvolvimento cognitivo. Nem todos os adultos conseguem atingir completamente esse período.

Piaget pintou um magnífico quadro de como as crianças constroem e adquirem o conhecimento. [...] Assim como outros, tenho comigo um sentimento muito forte de que a sua teoria ainda tem muito a oferecer à psicologia e à educação, tal como em seus primeiros anos. Para mim, a teoria de Piaget é atualmente tão excitante quanto nos anos sessenta e continua a ser o guia mais útil para o meu pensamento e para o meu empenho de dar sentido às questões educacionais. Ela não é um guia tão-somente, mas um guia altamente valioso. (WADSWORTH, 1971, p. 24).

Barry J. Wadsworth é uma autoridade em Piaget. Leciona Psicologia e Educação no Mount Holyoke College e, em seus trabalhos, mostra o quanto é importante para o educador conhecer a obra de Jean Piaget.

1. O PERÍODO PRÉ-OPERACIONAL

O período pré-operacional, caracterizado na primeira infância, se estende dos 2 aos 7 anos. É neste período, simbólico, que a criança constrói imagens para formar classes intuitivas e séries intuitivas. Sendo que a formação dessas classes operatórias, não é concluída neste período, pois, a acomodação está separada da assimilação. A criança forma pré-conceitos que contêm classes inacabadas, séries intuitivas, contagem automática e outros tipos de construções mentais que caracterizam o pensamento egocêntrico. Para Piaget, se o indivíduo entende a diferença entre substantivos e adjetivos dentro de uma oração, é que ele já domina as classes e as relações quando se trata da linguagem. No período simbólico, as classes são inacabadas (intuitivas).

Piaget refere-se a uma criança dessa fase, como egocêntrica. A criança pré-operacional, vê as coisas sob seu ponto de vista. Ela acha que todas as pessoas pensam como ela. Como a criança considera seus pensamentos corretos, ela nunca os questiona. A criança assimila tudo a si e ao seu ponto de vista a serviço de suas necessidades subjetivas e afetivas, do que da verdade. Manifestando o egocentrismo em vários planos: *intellectual, social, moral, lingüístico etc.* Não devemos culpar a criança por isso, ela não tem consciência de que é egocêntrica.

O pensamento egocêntrico se caracteriza por suas “centrações”, ou seja, em vez de adaptar-se objetivamente à realidade, ele a assimila à ação propriamente dita, deformando as relações segundo o “ponto de vista” desta última. Daí o desequilíbrio entre a assimilação e a acomodação, do qual constamos os efeitos no curso da fase pré-conceptual. Em consequência, é evidente que a evolução de fará no sentido do equilíbrio, ou seja, da descentração. O pensamento intuitivo marca, a este respeito, um primeiro progresso, na direção de uma coordenação que encontrará sua realização com os grupamentos operatórios. (PIAGET, 1964 p. 361).

Piaget, no mesmo livro, explica que o termo egocentrismo foi mal empregado. “[...] O termo egocentrismo, que sempre empregamos nesse sentido, é sem dúvida mal escolhido mas não pudemos encontrar outro melhor. [...]”.

Para a criança, os objetos e eventos têm finalidades, qualidades e intenções semelhantes às do homem. O mundo pessoal se confunde com o mundo-objeto (finalismo). Os sentimentos, os esforços, a consciência da intencionalidade são projetados sobre objetos inertes, movimentos físicos, animais. Essas assimilações são absorvidas no mundo exterior sem uma adequação ao real (animismo). A criança explica os fenômenos físicos, utilizando conhecimentos que tem de si própria. Explica o mundo, acreditando que todas as coisas, foram feitas pelo homem ou por uma entidade poderosa divina (artificialismo).

2. A LINGUAGEM INFANTIL

O homem aprende a se comunicar desde quando nasce. É impossível fazer um estudo da aquisição da linguagem, sem levar em conta o desenvolvimento da inteligência. Ao se comunicar, a criança não reflete o conhecimento que ela tem do real. Não há uma relação entre significante e significado. A criança conhece as coisas agindo sobre elas, ou seja, não adianta mostrar uma gravura de praia e, explicar a criança o que é uma praia por meio de palavras, se ela não vivenciou aquilo.

Para um bebê que vê um gato e o analisa de uma forma ampla e exteriorizada, utilizando o período sensório-motor, combinando os esquemas de olhar, pegar, sentir a lisura do pêlo e a agudeza das garras de um gato, que ouviu o som “miau”, interiorizando estas ações na forma de imagem ou esboço do real, quando a criança ouvir o som “miau” para ela, este som vai ser identificado como o gato que teve contato.

Quando a criança diz “mamãe”, ela construiu uma imagem de mãe. Essa imagem é um significante simbólico, já que há separação entre o significante imagem e o significado incorporado por ela. A imagem de mãe, assimila a pessoa, mas apenas guarda uma semelhança com a figura real. Se essa pessoa sofrer alguma mudança no aspecto físico, por exemplo, essa nova mudança não é assimilada a imagem de antes, ou seja, não há um equilíbrio entre acomodação e assimilação já que as imagens de antes, não chegam ao plano consciente ao mesmo tempo que as de agora. Essa falta de equilíbrio entre acomodação e assimilação, ocasiona uma linguagem incoerente, marcada pelo sincretismo e justaposição.

De acordo com Piaget, no pensamento adaptado, quando um indivíduo conversa com outro, ele diferencia seu próprio pensamento do pensamento do outro e fala em função das expectativas do receptor da mensagem; age sobre seu interlocutor fazendo-lhe perguntas, dando-lhe informações e fazendo-lhe pedidos. (FARIA, 2002, p. 44).

O que não se vê nas conversas de crianças dessa fase. A linguagem infantil se caracteriza pela: *repetição; monólogo e monólogo coletivo; ordens súplicas e ameaças; críticas e zombarias; diálogos e informações*.

No período simbólico, a criança utiliza a linguagem sem função social. A repetição ou ecolalia, está mais presente na linguagem dos bebês, mas também pode ser encontrada no período simbólico. O monólogo é mais comum nessa fase. “O monólogo não comunica o pensamento de quem fala a outra pessoa, mas simplesmente acompanha, reforça ou suplementa a ação. O interlocutor é uma espécie de dinamizador da ação”. (FARIA, 2002, p. 44) no monólogo, a criança fala em voz alta para si, sem função de comunicar-se. Com o avanço do desenvolvimento infantil, surge o monólogo coletivo. Embora a criança se comunique na presença de outras pessoas, ela ainda continua falando para si mesma.

As ordens, súplicas e ameaças, servem mais às necessidades subjetivas do indivíduo, do que uma troca social genuína. Esses recursos lingüísticos têm como objetivo induzir uma pessoa a agir em função de outra. Entre os pequenos, as críticas e zombarias, têm apenas a função de satisfazer o amor próprio às necessidades de combatividade ou de emulação. As críticas nessa fase do desenvolvimento, são destinadas a afirmar o “eu” ou a assegurar a superioridade infantil. Nos diálogos e informações, a criança responde às questões que lhe são feitas, apóia seus argumentos nas experiências relativas ao seu próprio corpo, à sua moral etc. Nessa fase do desenvolvimento, o intercâmbio social deve ser incentivado. Se o nosso pensamento permanecer fechado no “eu”, se ele não souber colocar-se no ponto de vista dos outros, a partida entre o objetivo e o subjetivo estará comprometida.

As disputas e discussões começam a aparecer no final da fase simbólica. A disputa é sempre acompanhada de atos ou promessas de atos, como gestos, ameaças etc. Pode ser muda ou falada. O que prevalece é a oposição de atos. A disputa sempre acontece, o que há é um choque de afirmações, ou seja, quando uma criança afirma algo sobre um fato e outra diz algo diferente do mesmo fato. Surge, a necessidade de formulação de justificativas para que os opositores cheguem a um acordo. Tudo indica que as disputas levem às discussões porque geram a necessidade, na criança, de se fazer compreender.

3. NOÇÃO DE CLASSE, CONSERVAÇÃO E SÉRIE

Em crianças de 2-3 anos, vê-se uma ausência de classificação. Se entregar a uma criança, por exemplo, figuras em forma de quadrado e triângulo de cores e tamanhos diferentes e, pedir a ela para colocar os iguais juntos, ela reunirá os objetos seguindo um critério de semelhança qualquer. A criança é incapaz de reunir elementos de acordo com dois critérios ao mesmo tempo (triângulo azul e pequeno). Se a criança toma consciência da cor azul, por exemplo, vai reunir todas as figuras da cor azul.

O indivíduo domina a estrutura de classe quando é capaz de incluir classes em classes; quando reúne mentalmente um conjunto de objetos, animais, pessoas etc., considerados semelhantes a despeito de algumas diferenças que cada elemento isolado possa ter. Exemplo: a classe dos mamíferos incluída na classe dos animais. (FARIA, 2002, p. 25).

Crianças de 3-4 anos, conseguem classificar objetos em função de suas semelhanças, por exemplo, triângulos pequenos e grandes. Mas é uma classificação pré-operatória, já que é feita a partir das semelhanças. Se for feita a seguinte pergunta: “O que tem mais? Objetos triangulares, objetos pequenos ou objetos grandes?” A criança não conseguirá responder que tem mais objetos triangulares.

“O indivíduo domina a noção de quantidade se é capaz de mantê-la invariável apesar das transformações que venha a sofrer” (FARIA, 2002, p.58); se perguntar a uma criança dessa fase se duas bolinhas de argila do mesmo tamanho são iguais, por exemplo, ela dirá que sim. Mas, de você enrolar a segunda em forma de salsicha e perguntar a ela se são iguais, mesmo a criança tendo dito antes que as duas eram iguais, ela ficará em dúvida e provavelmente dirá que a segunda é maior.

O pensamento, em fase de equilibrarão insuficiente, acaba se submetendo ao domínio das ilusões perceptivas, sendo chamado de pensamento intuitivo. Ele não consegue realizar uma assimilação recíproca de dois esquemas (mais e menos).

A estrutura de série é adquirida quando o indivíduo é capaz de ordenar elementos ou de compreender que, dentro de uma seqüência, cada um dos elementos é, ao mesmo tempo, maior que os antecedentes e menor que os conseqüentes. (FARIA, 2002, pp. 60-65).

Piaget utilizou para estudar a noção de série, materiais graduáveis, como bastões e réguas, pedindo para as crianças os organizarem do maior para o menor. A partir dessas pesquisas, foi possível notar que num primeiro momento, há uma ausência de seriação e num segundo, uma seriação intuitiva. Na ausência de seriação, a criança não considera a relação de um objeto com outro. Na seriação intuitiva, a criança já tem noção de *maior* e *menor*. Se a régua pequena chamar a atenção dela, vai ordenar do menor para o maior. Mas se for a régua grande que lhe chamar a atenção, ela começará do maior para o menor.

Fala-se em seriação intuitiva, porque, embora a criança, como foi dito antes, tenha noção de maior e menor, ela ainda não consegue entender, que ao mesmo tempo que um objeto é maior que o posterior, ele pode ser menor que o anterior.

4. JOGO SIMBÓLICO E IMITAÇÃO DIFERIDA

Imagine a seguinte cena: um garoto brinca com uma vassoura, fingindo ela ser um cavalo e dando-lhe todas as características de um cavalo. Temos um exemplo de jogo simbólico. A criança imita, cria, constrói símbolos e inventa coisas que ela deseja. É o mundo do faz-de-conta.

Na imitação diferida, a criança imita objetos e eventos já distantes há algum tempo. Por exemplo, uma menininha brincando de fazer pãezinhos com o barro, imitando uma situação vivida antes com a mãe na cozinha.

5. DESENHO

Quando eu tinha 15 anos, sabia desenhar como Rafael, mas precisei de uma vida inteira para aprender a desenhar como as crianças.

Pablo Picasso

Picasso se refere ao pintor Rafael Sanzio, renascentista que viveu de 1483 a 1520. Podemos notar o quanto é importante a valorização da criatividade das crianças e que o ato de desenhar precisa ser desenvolvido. Se essa atividade for bem desenvolvida durante essa fase, ocorrerá o enriquecimento do grafismo. Mas se não houver esse desenvolvimento, os desenhos de homens-palito e casinhas com chaminé irão acompanhá-lo no resto da vida.

As crianças do período pré-operacional, não desenham o que vêem, e sim, o que elas imaginam. Ao pegar um lápis, uma criança de 2-4 anos, faz rabiscos e garatujas que extrapolam o limite do papel. Os rabiscos podem ganhar nomes: por exemplo, papai e mamãe.

Aos 4-6 anos, a criança já tem noção de espaço e desenha dentro do limite do papel. Mas ainda não conhece bem as cores e não tem uma escala de tamanho. Assim, por exemplo, ela pode desenhar uma árvore menor que uma pessoa e pintá-la toda de marrom. Ao desenhar as pessoas, nota-se que partes do corpo faltam e que os membros saem da cabeça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É muito importante conhecer o educando para saber o que e como transmitir a ele. Piaget mostrou que em cada fase cognitiva, o indivíduo tende a se comportar de determinada maneira. A criança, não é um adulto em miniatura: ele apresenta um mundo particular, o qual, nós adultos devemos respeitar e oferecer boas condições para que ela possa se desenvolver, pois, só a partir do conhecimento integral do educando, é que os docentes poderão trabalhar de forma eficaz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma de. **Psicologia na educação.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- FARIA, Anália Rodrigues de. **O desenvolvimento da criança e do adolescente segundo Piaget.** 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança.** 3. ed. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 1964.
- PULASKI, Mary Ann Spencer. **Compreendendo Piaget:** uma introdução ao desenvolvimento cognitivo da criança. Rio de Janeiro: LTC, 1986.
- WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget.** 5. ed. Tradução de Esméria Rovai; São Paulo: Pioneira, 1971.